

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

VAQUEJADA: ESPORTE E CULTURA

Adriana Priscilla Costa Cavalcanti¹; Luis Vitor Castro Junior²

1. Membro do grupo de pesquisa Artes do Corpo: memória, imagem, imaginário, Graduanda em Licenciatura em Educação Física, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: adriprisc@gmail.com.
2. Orientador, Coordenador do grupo de pesquisa Artes do Corpo: imagem, imaginário, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: victorcapoeira@hotmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: vaquejada, cultura, esporte

INTRODUÇÃO

Este estudo, originalmente surge das atividades desenvolvidas na disciplina Estudos das Manifestações Culturais que tem como propósito valorizar os saberes da cultura local. Para tanto, o processo ocorre através de pesquisa de campo, no qual, os alunos identificam os sujeitos históricos com seus respectivos conhecimentos. Para este trabalho, focalizamos a prática da vaquejada que atualmente pode ser considerada uma “modalidade esportiva”, no entanto, ela é uma prática do trabalhador vaqueiro que começou a criar novos significados culturais em outros espaços e tempos. Esta é uma atividade praticada no Brasil inteiro, na qual, dois vaqueiros a cavalo devem derrubar um boi, puxando-o pelo rabo, dentro de um espaço de mais ou menos dez metros, delimitados por duas faixas a cal. Vence a dupla que obtiver maior número de pontos (Silva, 2009).

A pesquisa ao focar a vaquejada como “objeto” de estudo tem a proposta de analisar esta prática social, identificando os elementos históricos e culturais que fazem dela uma expressão de múltiplos significados. Dessa forma consideramos que esta investigação é de suma relevância por se tratar daquilo que é um dos elementos que constituem nossa “identidade” cultural. Conhecê-la é visualizar as questões da diversidade cultural, é valorizar as memórias e os saberes daqueles que no passado não tiveram oportunidade de contar a sua história.

METODOLOGIA

A proposta metodológica envereda pelos caminhos da História Oral, ou seja, no uso da oralidade como fonte de conhecimento importante para entendermos a complexidade do “objeto”. Segundo Lang (1995), a história oral tem por base um projeto de pesquisa, onde se utiliza fontes orais obtidas em um processo de interação pesquisador-pesquisado, trabalhando com a revitalização da memória e criando-se documentos através destas fontes, onde a reflexão e a análise acompanham todo o processo, se tornando parte constitutiva de um método biográfico.

Tentando atender ao objetivo deste trabalho, utilizou-se de técnicas que o caracterizam como uma pesquisa de cunho qualitativo, onde houve visita de campo, utilização da entrevista semi-estruturada que foi gravada em MP3 e pela análise dos dados obtidos a partir desta.

A entrevista semi-estrutura teve o intuito de revitalizar as memórias do sujeito da pesquisa, que fez parte desta prática durante vinte e seis anos de sua vida. Este método auxiliou grandemente, de maneira que fez com que o sujeito da pesquisa se sentisse bastante a vontade ao relatar suas vivências na vaquejada.

Diversas foram às dificuldades encontradas, dentre elas: localizar o sujeito da pesquisa, as condições o qual se encontrava, a imensidão de barulho durante a entrevista e a transcrição das falas. Felizmente, nada disso comprometeu com relevância o produto da pesquisa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A vaquejada originou-se da realização do trabalho de apartação, ou seja, separação e contagem do gado que vivia solto no campo. Na época dos coronéis os campos não eram cercados, por isso o gado se dispersava bastante ao procurar alimentação mais abundante. Para reunir o gado os próprios fazendeiros juntamente com os seus vaqueiros, entravam mata adentro. Muitas vezes durante o trabalho, era encontrado um “barbatão”, fazendo-se necessário pegá-lo de carreira, derrubá-lo e prendê-lo. “Barbatão” era o touro ou novillo que se tornava bravo, por ter sido criado no mato. Todo esse trabalho tinha como objetivo marcar, castrar e tratar as feridas da boiada (Bezerra, 2007).

A partir disso, os vaqueiros e peões mostravam grande habilidade na lida com os cavalos e gado. Por volta de 1940 estas habilidades começaram a ser mostradas em público através da corrida do Mourão. Os coronéis e os senhores de engenho era quem organizavam as vaquejadas. Os peões eram os participantes e os coronéis os apostadores. Ao final do torneio, os vencedores recebiam um “agrado”, pois ainda não existiam premiações para os campeões. A festa era um passatempo para os patrões e suas famílias (Silva, 2009).

Com o passar do tempo, as vaquejadas foram se popularizando, tornando-se competições grandiosas, com regras bem definidas, oferecendo grandes prêmios e gradativamente virando “indústrias” milionárias (Silva, 2009).

Nos dias de hoje há diversos parques de vaquejada no Nordeste e no Brasil inteiro que reúne vaqueiros de todas as partes para disputarem a glória e os prêmios (Silva, 2009).

A partir das falas observa-se que existem muitos que admiram esta modalidade esportiva e que a visualizam como a expressão legítima do povo nordestino. Isso se dá com muita propriedade nas falas do sujeito da pesquisa:

(...) a vaquejada eu acho o esporte melhor que eu já vi. O mais fascinante que eu já vi na minha vida (...) (...) a vaquejada antigamente era uma festa tipicamente do nordeste. Hoje não! Hoje tem vaquejada no Rio de Janeiro (...) (...) deixou de ser uma festa de âmbito regional para ser uma festa nacional. (Cavalcanti, 2010).

Percebe-se que a vaquejada está intimamente ligada ao homem do campo, ao homem sertanejo, aquele que cuida do gado, da terra, dos cavalos, desde o seu surgimento, criando assim uma concepção historicamente construída.

Apesar da atual existência das grandes vaquejadas, há ainda momentos simples onde os vaqueiros se reúnem para treinar, conversar, brincar e beber entre amigos; manter as relações sociais e de convívio. Não mais no arrebanhar do gado para os currais como nos tempos da apartação, mas nos pequenos bolões organizados entre amigos e conhecidos que se fascinam pelo “esporte”.

(...) bolão sempre teve, o bolão é uma brincadeira! É um treino! É como a gente fazia aqui no coliseu, toda quarta-feira tinha. O bolão é mais pra exercitar o cavalo. Pra gente conversar, se encontrar. É mais pra brincar, passar tempo (Cavalcanti, 2010).

Como todo “esporte”, a vaquejada tem sua “quadra”, regras, vencedores e premiação. É como ela se configura nos dias atuais. A pista, composta pelas áreas principais, tem em média de 140 a 160 metros. Ela se subdivide da seguinte maneira:

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

“Sangra”: é a cancela, onde os dois vaqueiros (o esteireiro e o puxador) aguardam o boi ser liberado para começar a carreira.

Área de Tolerância: delimitada pela faixa de tolerância, que é onde os vaqueiros podem fazer com que o boi retorne em direção à sangra, caso não consigam “aprumar” o boi para a carreira, ou seja, o boi não corre em direção e ângulo corretos.

(...) tem três faixas. Tem uma intermediária, entendeu? Onde ali o boi pode voltar, se começar dá trabalho, aí você pode fazer voltar, fazer ele voltar(...) (...) naquele espaço, você conseguir fazer ele voltar, ele virar a cabeça, então você tem direito a outro boi (Cavalcanti, 2010).

Área de ajuste do boi: área destinada a preparar o boi para a derrubada.

(...) aí tem um espaço pra o cavalo fazer o trabalho, porque o cavalo vem, ele vem numa velocidade mais ou menos de (...) (...) eu calculo aí uns 60km/h, talvez mais. Então ele tem que ter espaço pra sair, pra ele dá velocidade pra derrubar o boi (Cavalcanti, 2010).

Faixa de pontuação: é onde o boi é derrubado e tem todo um critério para valer o boi, ou seja, para contar os pontos. São duas faixas que compõem uma área de dez metros.

(...) se ele cair certinho, se ele não queimou nem com aponta do focinho, nem nada a segunda faixa e levantou as pernas, as patas, então o boi valeu. Aí conta o ponto (Cavalcanti, 2010).

“Quebra-cavalo”: ou área de desaceleração. É o espaço onde, depois de derrubar o boi, o cavalo perde velocidade.

(...) o quebra-cavalo não é nada mais que uma cerca, um pouco alta pra evitar que o boi e o cavalo passe dali (Cavalcanti, 2010).

As áreas complementares são compostas pelos currais no início e final da pista, cabine do locutor e juiz, retorno do gado e dos vaqueiros.

A classificação é dada pela contagem de pontos das três carreiras.

(...) são três bois, os bois são enumerados 7, 8, 9, dependendo da comissão julgadora. Aí varia. Cada dupla faz uma quantidade de pontos, quem fizer mais pontos; classifica. Isso se botou três bois, porque às vezes não bota. Só bota dois, só bota um, viu? Das duzentas ou trezentas duplas ficam vinte. Aqueles é que vão disputar realmente a corrida, entendeu? Aí daqueles vinte, vão disputar pra saber quem fica em primeiro, segundo, terceiro lugar e depois tem o campeão dos campeões (Cavalcanti, 2010).

A premiação varia conforme o tamanho da vaquejada. Aquelas disputas grandiosas, com alto valor de inscrição, onde se observa inclusive a existência de shows com cantores famosíssimos como exemplo a grande vaquejada de Serrinha, os prêmios podem chegar a R\$ 100.000,00 em dinheiro para o campeão dos campeões. Também tem vaquejadas que premiam com carro e motocicleta. No entanto, existem os bolões, onde o prêmio origina-se da arrecadação de pequenas inscrições que é repartido entre os ganhadores. Nesta experiência dos bolões sobressai o espírito de solidariedade e companheirismo, onde se evidencia as relações societárias mais comunitárias do que os megas eventos de vaquejada, no qual a disputa pela premiação exacerba a competitividade entre os participantes.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Percebe-se que gradativamente algumas coisas mudam, outras evoluem, mas ainda perdura o sentimento de que:

As vaquejadas vêm dos nossos primitivos tempos, aqui pelo Nordeste, como uma recordação dos nossos antepassados, como uma lembrança viva dos nossos ascendentes, como testemunha eloqüente das belezas antigas, tudo aquilo que foi bom e passou. Passou e vamos reviver como se não tivesse passado (Araújo apud Bezerra, 2007).

Outra característica importante a ser ressaltada e que faz parte da memória material e imaterial do vaqueiro está relacionada aos saberes e enunciados do sertanejo – vaqueiro e que estão subjacentes à prática da vaquejada, tais como: o mastim (perna do boi), a sangra (é a cancela), quebra-cavalo (área de desaceleração dos cavalos na pista de vaquejada), catimbar (quando o boi não quer correr) e a vestimenta do vaqueiro que se constitui de perneira, bota, espora, luva e chapéu de couro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o presente trabalho apresentou pontos importantes que fazem da vaquejada além de um esporte, um elemento da expressão cultural nordestina que coleciona adeptos em todo o país. A partir das memórias do sujeito da pesquisa identificamos pontos peculiares da cultura sertaneja como à linguagem, as vestes, o trato com o boi e cavalos ajudando a reconhecer nossa identidade cultural. Se por um lado, os grandes eventos de vaquejada contribuem para aumentar o campo de visibilidade desta prática, por outro percebe-se uma significativa transformação dos elementos culturais originários, tendo em vista a força da indústria cultural. Entretanto, os bolões como espaço e tempo de memória, contribuem para permanência dos valores multiculturais da cultura sertaneja.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, José Euzébio Fernandes. 1978. Retalhos do meu sertão. Edição e impressão gráfica e papelaria Leão do Mar Ltda., Rio de Janeiro. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.barcelona.educ.ufrn.br/mundo.htm>, acessado em 07 de agosto de 2010.
- BOSI, Ecléa. 1994. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3ª edição – São Paulo: Companhia das Letras.
- CAVALCANTI, Eriberto Barbosa. 2010. **Entrevista**. Feira de Santana, BA.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. 1995. História oral: muita dúvidas, poucas certezas e uma proposta. (Re) introduzindo a história oral no Brasil. Câmara Brasileira do livro. São Paulo.
- SILVA, Thomas de Carvalho. 2009. A prática da Vaquejada à luz da Constituição Federal. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, 63, [Internet]. Disponível em http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5922. Acesso em 09/06/2010.